

Vermes, morte e metáforas: um olhar crítico sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* à luz da Linguística CognitivaCecília Maria Souza da Cruz¹Davi Emanuel Jardim Souza²Isabella Santana Rodrigues Passos³Raysha Fontes Correa⁴Dra. Daianna Quelle da Silva Santos da Silva - Orientadora⁵**RESUMO:**

Neste artigo, buscamos identificar e analisar algumas expressões metafóricas acionadas no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do escritor Machado de Assis, considerado um marco do realismo brasileiro ao romper com o romantismo e oferecer uma crítica à elite da época. Através da ironia e das críticas sociais, Machado de Assis constrói a narrativa de Brás Cubas, um defunto que reflete sobre sua vida, suas falhas e sua futilidade. As metáforas desempenham um papel crucial para entender a visão pessimista do protagonista sobre a vida e a morte. Nesse contexto, a metáfora do verme que roeu seu cadáver, por exemplo, simboliza a inevitabilidade da morte e a transitoriedade da vida. A mensagem central da obra é a busca de um propósito existencial que, no fim, revela o vazio e a futilidade da existência humana. Sob essa ótica, pautando-nos na Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980), a obra pode ser analisada pela Linguística Cognitiva, que evidencia as metáforas não apenas como recursos literários, mas como formas de estruturar o conhecimento. Assim, com o uso desse instrumento linguístico, Machado de Assis critica os valores da sociedade da época, mostrando o egoísmo, a superficialidade e a futilidade das aspirações humanas.

PALAVRAS CHAVE: Metáfora. Linguística Cognitiva. Crítica social. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Machado de Assis.

¹ Discente do 3º ano B, no Colégio Adventista da Bahia.

² Discente do 3º ano B, no Colégio Adventista da Bahia.

³ Discente do 3º ano B, no Colégio Adventista da Bahia.

⁴ Discente do 3º ano B, no Colégio Adventista da Bahia.

⁵ Doutora em Estudos Linguísticos pela UEFS, com mestrado na mesma área, formada em Licenciatura em Letras Vernáculas pela UEFS e especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo IBPEX. Escritora dos livros *Contos às Marias* (2017) e *Nas Redes da Vida* (2022). Atualmente é docente universitária e do Colégio Adventista da Bahia (CAB).

ABSTRACT:

In this article, we aim to identify and analyze some of the metaphorical expressions employed in the book *Póstumas Memórias de Brás Cubas*, by the writer Machado de Assis, considered a milestone of Brazilian realism by breaking with romanticism and offering a criticism to the elite of the time. Through irony and social criticism, Machado de Assis builds the narrative of Brás Cubas, a deceased who reflects on his life, his failures and his futility. Metaphors play a crucial role in understanding the protagonist's pessimistic view of life and death. In this context, the metaphor of the worm that gnawed its corpse, for example, symbolizes the inevitability of death and the transience of life. The central message of the work is the search for an existential purpose that, in the end, reveals the emptiness and futility of human existence. From this perspective; based on the Theory of Conceptual Metaphor, by Lakoff and Johnson (1980), the work can be analyzed by Cognitive Linguistics, which highlights metaphors not only as literary resources, but as ways of structuring knowledge. Thus, with the use of this linguistic instrument, Machado de Assis criticizes the values of the society of the time, showing the selfishness, superficiality and futility of human aspirations.

KEYWORDS: Metaphor. Cognitive Linguistics. Social criticism. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Machado de Assis.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), do escritor brasileiro Machado de Assis, apontada como marco do Realismo, representa uma mudança na literatura do país após romper com o movimento romântico. Acrescentando uma linguagem irônica à crítica social e ruptura com a linearidade, introduz uma nova forma de escrita literária. Ao ler o romance, percebemos algumas figuras de linguagens como ironia, metonímia, metáfora e, sabemos que tais figuras comumente se configuram como palavras ou expressões utilizadas no sentido figurado para dar efeito ao discurso, aprofundando o significado da narrativa.

Desta forma, observando a visão pessimista de Brás Cubas sobre a vida, este trabalho visa destacar as metáforas acionadas no romance, figuras de linguagem que, de certa forma, são utilizadas para criar um sentido figurado que dá efeito ao discurso, aprofundando o significado da narrativa. Nesse contexto, as metáforas revelam a visão pessimista de Brás Cubas sobre a vida.

Assim, tem-se como objetivo principal entender na obra se percebe a visão crítica à sociedade burguesa da época, através das metáforas que delineiam o estilo irônico representado pela voz de alguém que já está morto e que conta os acontecimentos de sua vida após a morte.

1.1 SOBRE O LIVRO

O livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1981) está inserido no contexto do final do Segundo Reinado, período marcado por tensões políticas e sociais, ascensão da burguesia cafeeira, debates sobre a escravidão e o possível fim da monarquia. Com humor ácido e linguagem sofisticada, o autor analisa os costumes da época, questiona a noção de progresso e ironiza valores como o amor romântico e a moral burguesa.

Brás Cubas, o defunto autor, pode servir de representação da elite brasileira da época: egocêntrica, superficial, desprovida de grandes ideias, preocupada apenas com sua própria satisfação e *status*. O protagonista, mesmo após a morte, busca encontrar um significado para sua existência, marcada pela futilidade e falta de realizações genuínas.

Em sua obra, Machado de Assis utiliza metáforas e simbolismos notáveis, expressões irônicas para desmascarar a hipocrisia da elite, a futilidade da vida e a fragilidade da natureza humana. Através dela, o narrador expressa suas ideias de forma sutil e mordaz, provocando o riso e a reflexão no leitor.

Desta forma, Brás Cubas é o único herdeiro de uma família rica, e é ele mesmo quem conta sua história de uma maneira diferente: depois de já ter morrido. O enredo gira, principalmente, em torno de sua vida amorosa e social, mostrando suas ideias superficiais e suas frustrações. No entanto, o livro vai além disso — ele não mostra só a vida vazia de um filho da burguesia, mas também faz críticas à sociedade da época, com ironia e inteligência.

Leal e Abreu (2019) afirmam que:

[a]s experiências desse filho abastado da elite brasileira – seus amores, veleidades e frustrações – são o ponto de partida para uma crítica social explícita. Suas memórias ficcionais, escritas além-túmulo, traduzem aspectos do "real vivido", enfatizando a falência moral, as injustiças e os privilégios da elite brasileira do século XIX, personificada na figura de Brás (Leal; Abreu, 2019, p. 1).

Brás Cubas pode ser considerado como a representação da elite, ele é um anti-herói, cujas ações e reflexões revelam a moralidade questionável e os valores distorcidos da classe dominante. A paixão por Marcela, uma cortesã interesseira, ilustra a superficialidade dos relacionamentos e o papel do dinheiro nas relações sociais da época, o que contraria o romantismo - escola literária anterior à que se vive na obra.

2 ASPECTOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Nos finais dos anos 1970 e início de 1980, surgia uma forma diferente de tratar a linguagem por meio de uma nova abordagem cognitiva. Então, nesse período, a Linguística Cognitiva, de agora em diante LC, nasce como um campo de estudo que considera a linguagem em sua função cognitiva, em que o cognitivo se refere ao papel crucial das estruturas informacionais intermediárias em nossos encontros com o mundo.

Desta forma, o estudo dos fenômenos da linguagem através se dá através da ideia de que a nossa mente é corporificada, ou seja, a nossa mente transparece experiências corporais, sociais, físicas entre outras que aparecem na linguagem.

A autora Santana (2019) explica que a

[...] corporificação é mais uma importante premissa da LC; a partir dela, o significado é compreendido com base na nossa experiência corporal, física, social e cultural, ou seja, a partir da relação do ser humano com o mundo. O nosso corpo, portanto, exerce papel fundamental na construção do significado (Santana, 2019, p.21).

Assim, a linguagem cognitiva, na forma que nos expressamos, relaciona-se com a metáfora ao identificá-la não apenas como um ornamento linguístico de natureza poética, mas sim, um aparato cognitivo estruturador do conhecimento e da experiência.

A LC é classificada nos trabalhos através de duas linhas: Semântica Cognitiva e Gramática Cognitiva (LENZ, 2013). Em 1980 houve a publicação da obra *Metaphors We Live by (Metáforas da Vida Cotidiana)*, escrita por George Lakoff e Mark Johnson, que é básico para nos mostrar como as metáforas não são só enfeites de linguagem, mas fazem parte da forma como pensamos e vivemos. Os autores explicam que usamos metáforas o tempo todo, mesmo sem perceber. Por exemplo, quando a gente diz que está “lutando contra um problema” ou que “perdeu tempo”, estamos usando metáforas baseadas em experiências do dia a dia.

Nesse sentido, a ideia principal do livro é que a nossa mente entende muitos elementos abstratos (como sentimentos, ideias ou tempo) a partir de elementos concretos (como guerra, espaço ou objetos). Por isso, as metáforas ajudam a construir o nosso jeito de ver o mundo.

2.1 AS METÁFORAS E SEUS DOMÍNIOS

Comumente ouvimos, entendemos que metáfora deriva do grego e significa “transferência, transporte para outro lugar”. Nesse sentido, em seu sentido literal, o verbo grego *metaphrein* seria traduzido pelo verbo latino *transferire* (Strey; Costa, 2010). A definição clássica, com base nos estudos de Aristóteles, é a de que uma ou mais palavras são usadas fora do seu significado convencional para expressar um outro significado.

Strey e Costa (2010) nos afirma que:

[e]ntender a metáfora significa perceber que há dois domínios cognitivos que estão sendo mapeados, ou seja, há uma projeção de dois domínios conceptuais: o domínio de origem, de natureza concreta e experiencial, e o domínio alvo, de caráter abstrato. (STREY; COSTA, 2010, p. 916).

Quando usamos uma metáfora para entender algo mais complexo, estamos fazendo uma comparação entre dois campos de conhecimento. O **primeiro campo**, de

onde tiramos a metáfora, é chamado de **domínio de origem**. Já o **segundo campo**, que estamos tentando explicar com a ajuda dessa comparação, é o **domínio de destino**.

Geralmente, o **domínio de origem** costuma ser mais concreto e fácil de visualizar, como jornadas, guerras, construções, plantas ou alimentos. São experiências comuns do nosso dia a dia. Por outro lado, o **domínio de destino** é geralmente algo mais abstrato, como vida, ideias, teorias, argumentos, amor ou organizações sociais.

Esse processo de associação é o que forma as **metáforas conceituais**, que são estruturas mentais que nos ajudam a compreender o mundo de maneira mais concreta, mesmo quando falamos de temas abstratos. Então entendemos que, o **domínio de origem** é de onde a metáfora “vem”, ele é mais **concreto**, ligado à nossa experiência do mundo. Também pode ser chamado de **doador da imagem**. E o **domínio de destino**: é a ideia **abstrata** que estamos tentando entender melhor, usando o domínio de origem.

A fim de explicar melhor o que fora dito, trazemos aqui a metáfora que aparece quando Brás Cubas se refere à invenção do “**emplastro Brás Cubas**” – uma suposta maneira de curar a humanidade da “melancolia”. Uma vez que a “melancolia” também pode ser uma metáfora para se referir ao Romantismo. Quando Brás Cubas diz:

Exemplo Textual 1: Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa **melancólica** humanidade (ASSIS, 1981, p.4).

Em primeira análise, parece que Brás Cubas está falando de uma invenção científica, um remédio real. Mas à luz da LC, compreendemos a **metáfora conceptual A HUMANIDADE É UM PACIENTE DOENTE**, pois Brás Cubas não está falando de uma doença física, mas de um **sofrimento existencial**, ou seja, do sofrimento de viver, da angústia da humanidade. Para explicar isso, ele compara o sofrimento humano a uma doença e propõe um remédio imaginário para curá-la, que é o próprio emplastro.

Desta maneira, o **domínio de origem** é a **doença**, um conceito concreto, que pertence ao campo da medicina e da experiência física. A ideia de um “remédio” ou “curativo” está associada àquilo que pode ser tratado ou eliminado com alguma intervenção prática. E o **domínio de destino** é a **melancolia da humanidade**, ou seja, o sofrimento existencial vivido pelas pessoas de modo mais amplo. Essa tristeza profunda, que representa a angústia da condição humana, é um conceito abstrato e subjetivo.

2.2 CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS

Na Semântica Cognitiva (SC), alguns conceitos são fundamentais para entender como o significado se constrói na linguagem. Um desses conceitos centrais é o de

domínio, conforme já foi dito na seção anterior, que serve de base para compreender como organizamos e acessamos informações na mente.

Além dos domínios, existem outras noções importantes que se conectam entre si e ajudam a descrever o que os estudiosos chamam de **estruturas cognitivas estáveis**. Essas estruturas são como moldes mentais duradouros, que armazenam conhecimentos que são compartilhados culturalmente (Ferrari, 2011). Para compreender melhor esse funcionamento, é necessário também conhecer os conceitos de **frame** e de **Modelo Cognitivo Idealizado** (de agora em diante MCI).

As noções de **frame** e **MCI** estão diretamente relacionadas à forma como organizamos o significado em nossa mente: o **frame** funciona como um "esquema" de conhecimento ativado quando usamos certas palavras, enquanto o **MCI** faz referência à forma como idealizamos certas situações, papéis ou objetos, com base em expectativas culturais e experiências sociais. (FERRARI, 2011).

Esses conceitos nos mostram que o significado não está apenas nas palavras isoladas, mas sim em todo um sistema de conhecimento que já carregamos conosco, e que é ativado quando falamos, ouvimos ou lemos.

Segundo Lakoff (1987), os MCIs são estruturados com base em quatro princípios fundamentais. Os frames são estruturas proposicionais, portanto, MCIs. O segundo princípio refere-se aos **esquemas imagéticos** (também chamados de *Esquemas-I*), que são derivados das experiências corporificadas e espaciais comuns a todos os seres humanos. Entre esses esquemas, destacam-se: CONTÊINER (ou RECIPIENTE), PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO, ORIGEM-TRAJETO-DESTINO, FORÇA, EQUILÍBRIO, entre outros.

O terceiro princípio diz respeito ao mapeamento metafórico, que constitui um mecanismo cognitivo central para a compreensão e categorização da realidade. Através dele, conseguimos compreender domínios conceituais abstratos a partir de domínios mais concretos e experienciáveis, promovendo, assim, uma organização coerente das nossas experiências vividas (SIQUEIRA; PEREIRA; FERRARI; LOPES, 2017). O quarto domínio é o metonímico, mas não o aprofundaremos neste trabalho.

3. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para interpretar o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de maneira mais crítica e profunda, é possível aplicar uma leitura que considera o posicionamento ideológico do narrador e o modo como ele representa certas camadas da sociedade brasileira do século XIX. Nesse sentido, o comentário de Figueiredo (2020) é especialmente útil como ponto de partida analítico. A autora afirma que Brás Cubas é a encarnação da elite dominante brasileira, uma elite frívola, exibicionista, cínica, "respeitável" e cheia de conhecimentos superficiais (Figueiredo, 2020).

Além disso, estabelecemos que o desenho metodológico deste artigo foi pautado em uma metodologia qualitativa, de cunho descritivo, explicativo e documental. Para compreender as representações simbólicas presentes na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foi necessário recorrer às principais teorias da LC, especialmente a Teoria da Metáfora Conceptual, formuladas por Lakoff e Johnson (1980; 1999), e ampliadas por autores como Feltes (2007), Ferrari (2011), Fillmore (1982), e Almeida (2016, 2018, 2020, 2021). Também fundamentamos nossa análise em modelos analíticos propostos por Araújo (2021), Moreira (2015) e Santana (2019), Silva (2023) adaptando-os ao contexto da obra literária em estudo.

O objetivo principal foi identificar e interpretar as **expressões metafóricas** utilizadas no romance para representar conceitos abstratos relacionados à **vida, morte, corpo, poder, afetividade, racionalidade e classe social**, considerando os domínios conceptuais e os MCIs que estruturam essas experiências na narrativa.

Seguimos os critérios metodológicos propostos por Almeida (2016) e Silva (2023) com adaptações para o contexto literário. Essa sistematização buscou garantir a clareza, a organização e a coerência da análise dos dados extraídos do corpus textual. Abaixo, descrevemos os procedimentos adotados:

1. **Numeração dos exemplos:** Todos os trechos selecionados da obra foram numerados em ordem crescente, utilizando-se **algarismos arábicos** (1, 2, 3, etc.), o que facilitou a referência cruzada e a retomada dos dados ao longo da discussão.
2. **Destaque das expressões linguísticas:** As expressões identificadas como potencialmente metafóricas foram **destacadas em negrito** dentro dos exemplos, de modo a evidenciar o fragmento relevante à análise cognitiva.
3. **Representação das metáforas conceptuais:** As metáforas conceptuais identificadas ao longo da análise foram apresentadas em CAIXA ALTA, conforme convenção estabelecida na literatura especializada (LAKOFF; JOHNSON, 1980; FERRARI, 2011). Essa escolha tipográfica facilita a distinção entre a linguagem comum e os esquemas conceptuais subentendidos que organizam os domínios cognitivos em questão.

A dedicação ao “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico, como saudosa lembrança, estas memórias póstumas” (ASSIS, 1881, Prólogo, 1.) simboliza de maneira irônica o ceticismo de Brás Cubas. Ele se dedica ao verme, que é a causa final da morte, como um “saudoso lembrete”. Esta dedicatória, além de macabra, revela a visão da vida como um ciclo de morte e decomposição, mas que ao mesmo tempo vive por memórias. Portanto, compreendemos uma metáfora principal acionada e duas outras secundárias.

O **exemplo textual (2)** : “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, **dedico**, como saudosa **lembrança**, estas **memórias póstumas**.” (ASSIS, 1881,

Prólogo, 1.) nos projeta para a conceptualização metafórica principal A VIDA É UM LEGADO NARRATIVO

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Análise
Morte / Vida como narrativa	“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver [...] memórias póstumas.”	Metafórico	ORIGEM - PERCURSO-META	"memórias póstumas", "dedico", "lembrança"	A expressão traz a ideia de que a vida deixa rastros simbólicos, que continuam após a morte. A narrativa póstuma torna-se herança, um legado existencial.

Conceptualizações metafóricas outras podem ser - O CORPO É UM CONTÊINER / A MORTE É UMA EXPERIÊNCIA CONTINUADA

Exemplo textual (2): “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico, como saudosa lembrança, estas memórias póstumas.” (ASSIS, 1881, Prólogo, 1.)

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Análise
Corpo	“frias carnes do meu cadáver”	Metafórico secundário	CONTÊINER	"carne", "cadáver"	O corpo é visto como um tipo de recipiente, com limites e prazo de validade, mas dentro dele mora algo que vai além: a história de Brás Cubas, que continua mesmo depois que o corpo acaba.
Morte	“Ao verme que primeiro roeu [...]”	Metafórico secundário	EXPERIÊNCIA CONTINUADA	"verme", "primeiro", "roeu"	A morte não é um fim brusco, mas um processo que vai acontecendo aos poucos (com a decomposição do corpo, as lembranças que ficam e o que a pessoa deixou de herança). O agente simbólico que inicia a transformação é o verme.

No domínio **escravidão**, destacamos que no capítulo XI “O Menino é Pai de Homem”, visualizamos um escravo que estando na casa do narrado, servia-lhe de cavalo. Assim no Exemplo Textual 3 (que seja exposto no parágrafo seguinte) destacamos duas conceptualizações metafóricas - ESCRAVO É ANIMAL / O CORPO NEGRO É OBJETO DE USO.

Exemplo Textual (3): “Prudêncio, o moleque da casa, era o **meu cavalo** de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu **trepava-lhe ao dorso**, com uma **varinha** na mão, **fustigava-o**, dava mil voltas a um e outro lado, e ele **obedecia**, — algumas vezes gemendo, — mas **obedecia sem dizer palavra**, ou quando muito, um — “ai, Nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “**Cala a boca, besta!**” (ASSIS, 1998, p. 36).

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Análise
Escravidão / Desumanização	“Prudêncio, o moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias [...] eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o [...]” (ASSIS, 1998, p. 36)	Metafórico	ANIMALIZAÇÃO / DOMÍNIO INFANTIL	"meu cavalo", "trepava-lhe ao dorso", "varinha", "fustigava-o", "besta"	O corpo negro infantil é tratado como um animal de montaria, sem vontade nem valor próprio. A metáfora da animalização traz a lógica colonial de posse e dominação, já presente nas brincadeiras da infância de Brás Cubas, como representação do homem branco que naturaliza a crueldade.

No domínio **classe social** através do exemplo textual (4) “Não tive filhos, não **transmiti** a nenhuma criatura o **legado** da **nossa miséria**.” (ASSIS, 1881, p.122), a metáfora principal acionada é A CLASSE SOCIAL É UMA HERANÇA, além disso compreendemos uma secundária A POBREZA É UM LEGADO GENÉTICO e o exemplo textual (5) “Foi a ideia de um **emplasto anti-hipocondríaco**, destinado a **aliviar** a nossa **melancólica humanidade**.” (ASSIS, 1881, p.33) são acionadas A SOCIEDADE É UM CORPO DOENTE, como metáfora principal e A MELANCOLIA SOCIAL É UMA DOENÇA além de A CURA SOCIAL PELO EMPLASTO como metáfora secundária e metonímia respectivamente. .

Frame	Fragmento	Tipo de	Esquema-I	Expressões	Análise
-------	-----------	---------	-----------	------------	---------

		mapeamento		acionadas	
Classe social / Herança	“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (ASSIS, 1881, p.122)	Metafórico	HERANÇA / TRANSMISSÃO DE CONDIÇÃO	"transmiti", "legado", "nossa miséria"	A classe social aparece como um legado maldito, inevitável e hereditário. A ausência de filhos parece uma redenção simbólica, uma ruptura com a pobreza ou do fracasso. A miséria aqui é mais que econômica, é existencial, histórica, genética.

Sendo assim, no exemplo textual (4), Brás Cubas fala da “miséria” não como pobreza material, mas como o vazio moral e existencial da elite ociosa a que pertence. A metáfora do “legado da nossa miséria” sugere uma crítica a como o modo de vida vazio, fútil e sem caráter não mereciam uma linhagem continua. E no exemplo textual (5) a invenção do “emplasto” (4) simboliza a falha tentativa de Brás Cubas de curar uma doença, “alívio da melancolia” é uma crítica à elite que busca soluções superficiais para problemas profundos.

No domínio **corpo e identidade** trazemos o exemplo textual (6) “**Nariz, consciência sem remorsos**, tu me foste muito útil na vida...” (ASSIS, 1881, p.50) acionando a metáfora CORPO É SEDE DA IDENTIDADE MORAL e o exemplo textual (7) “A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, **um cangalho** de setenta invernos. ” (ASSIS, 1881, p.105) em que há uma metáfora principal CORPO É MÁQUINA, e aciona duas outras A VIDA É UMA ESTAÇÃO DO ANO e ENVELHECIMENTO É DETERIORAÇÃO MECÂNICA

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Análise
Corpo / Identidade moral	“Nariz, consciência sem remorsos, tu me foste muito útil na vida...” (ASSIS, 1881, p. 50)	Metafórico	PARTE PELO TODO (NARIZ É A PARTE DO CORPO)	"Nariz", "consciência sem remorsos"	O nariz, parte física do corpo, é elevado à condição de sujeito ético, consciente. A metáfora mistura anatomia e moral, ironizando o comportamento social frio e interesseiro, como

					se diz “nariz em pé” que é indiferente, e que tem consciência do que é externo como, destacável, utilitário.
Envelhecimento / Fragilidade física	“A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um cangalho de setenta invernos.” (ASSIS, 1881, p. 105)	Metafórico	FORÇA	"cangalho", "setenta invernos"	A velhice é representada como carcaça, objeto quebrado, sucata (um “cangalho”). O tempo é medido por invernos, metáfora para dureza e deterioração. A metáfora reforça o estigma da inutilidade e decadência física da velhice.

O excerto (6) que faz referência ao nariz, metaforizando o egoísmo do ser humano, a preocupação com a ascensão pessoal, com o subir a qualquer custo. E, no exemplo textual (7), Viegas, um parente de Virgília, aparece abalado pela doença, pela idade e pelo desprezo, é tido como uma pessoa inútil. Sua vida foi, metonimicamente, uma série de invernos - vida fria..

No domínio **tempo e sociedade** temos o **exemplo textual (8)** “**Matamos o tempo; o tempo nos enterra.**” (ASSIS, 1881, p.124) em que a metáfora TEMPO É INIMIGO e o **exemplo textual (9)** “A sociedade há de exigir que o homem, para ser bom cidadão, traga o ventre de sua mulher fecundo e o cofre de seu sogro cheio. ” (ASSIS, 1881, p.309) A SOCIEDADE É INSTITUIÇÃO DE CONSUMO E PRODUÇÃO

Frame	Fragmento	Tipo de mapeamento	Esquema-I	Expressões acionadas	Análise
Tempo / Existência	“Matamos o tempo; o tempo nos enterra.” (ASSIS, 1881, p.124)	Metafórico	ORIGEM-PERCURSO-META	"Matamos o tempo", "o tempo nos enterra"	Ao tentar dominar o tempo, expressão “matar” faz referência ao tédio, rotina, o vazio, ele se volta contra nós, como inimigo e se vinga, nos matando e como um agente personificado consegue nos enterrar
Sociedade / Patriarcado econômico	“A sociedade há de exigir que o homem,	Metafórico	PARTE-TODO	"ventre fecundo", "cofre cheio",	Aqui se estabelece uma relação familiar O projeto de família

	para ser bom cidadão, traga o ventre de sua mulher fecundo e o cofre de seu sogro cheio.” (ASSIS, 1881, p.309)			"bom cidadão"	que apresenta um perfil de homem ideal: o reprodutor e provedor. A mulher é ventre, o sogro é banco. Tudo se reduz a função econômica e reprodutiva, denunciando uma sociedade que calcula até os afetos.
--	--	--	--	---------------	---

Desta forma, no **exemplo textual (8)** o tempo não é só cronômetro, ele é um adversário, é um inimigo que tentamos matar, mas no fim ele é quem nos enterra. O tempo, embora breve, carrega um sentido profundo. A metáfora também nos sugere sobre a inutilidade da vida levada pela elite, matar o tempo é viver sem propósito, desperdiçando a existência com vaidades e futilidades. Ao final, é o tempo que triunfa, “enterrando” a todos, sem distinção de classe, ou seja no fim, é igualmente consumida pelo tempo.

No **exemplo textual (9)** a humanidade vira investimento, com o pai provedor, a mulher de ventre fecundo, e o banco como aquele que inicia e finaliza tudo. Desta maneira, o homem bom é aquele que dá lucro à sociedade. É nítido a ironia quanto aos valores sociais da época, em que a virtude do homem está vinculada não à moral, mas à reprodução e riqueza. A hipocrisia está na valorização de aparências e conveniências, em vez de princípios éticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida neste artigo nos permitiu evidenciar como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, constitui um terreno fértil para a identificação de metáforas conceptuais que revelam, ironicamente, os mecanismos ideológicos da elite brasileira oitocentista. A partir da articulação entre os pressupostos da Linguística Cognitiva, especialmente a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 1999), e os referenciais críticos da literatura brasileira, compreendemos que o narrador-personagem, ao relatar suas memórias pós-morte, reconfigura simbolicamente domínios como **corpo, morte, identidade, escravidão e classe social**.

As metáforas A VIDA É UM LEGADO NARRATIVO, O CORPO É UM CONTÊINER e A MORTE É UMA EXPERIÊNCIA CONTINUADA, por exemplo, demonstram que a morte em Machado de Assis não é apenas fim biológico, mas um recurso de conhecimento para embasar a crítica social. A dedicatória ao verme, ao mesmo tempo mórbida e lírica e traz uma concepção niilista (não existe sentido, valor ou verdade absoluta) de existência: a vida como herança de um corpo em decomposição e a memória como ironia final.

Do mesmo modo, a análise do exemplo que envolve Prudêncio, no capítulo "O menino é pai do homem", mostrou como a metáfora ESCRAVO É ANIMAL e a metonímia do silenciamento reiteram a animalização e a desumanização do corpo negro, mesmo na infância. A linguagem usada pelo narrador-personagem, ainda que revestida de um tom "ingênuo", revela a naturalização da lógica de escravidão e a perpetuação de uma violência estrutural que silencia e coisifica o sujeito escravizado, subalternizado. Tal leitura ganha força, ao se considerar o ponto de vista ideologicamente comprometido do narrador, que ironiza e relativiza a própria crueldade de sua classe social.

As metáforas A CLASSE SOCIAL É UMA HERANÇA e A SOCIEDADE É UM CORPO DOENTE, por sua vez, expõem o cinismo da elite ao transformar a miséria em legado e a hipocrisia em doença passível de cura superficial. O "emplasto anti-hipocondríaco" criado por Brás Cubas é, portanto, uma crítica ao ideal burguês de solução rápida e estética para problemas profundamente estruturais, é uma "cura" que não transforma, apenas encobre. Assim, o romance escancara o fracasso moral dessa elite, incapaz de se responsabilizar por seus privilégios e de transformar a realidade social que a sustenta.

No campo da identidade, os exemplos que tratam do corpo como sede da moralidade (nariz) e como máquina desgastada pelo tempo (cangalho) reforçam a crítica machadiana à aparência como medida de valor humano. O corpo, nessa narrativa, é tanto um instrumento de poder quanto um registro da decadência. Ao metaforizar o envelhecimento como deterioração mecânica, a obra escancara o esvaziamento da subjetividade no discurso das aparências.

Assim, a partir do cruzamento entre literatura e LC, este estudo contribui para a compreensão da dimensão simbólica e ideológica das metáforas na obra de Machado de Assis. Lembremos que as metáforas não são apenas ornamentos estilísticos, mas verdadeiros mecanismos de organização do pensamento e de construção do mundo narrado. Ao dar voz a um narrador morto que escarnece da vida e dos vivos, Machado de Assis constrói uma crítica contundente contra a sociedade imperial brasileira, mas tal crítica infelizmente ainda ecoa com incômoda atualidade.

Ainda há muito que se estudar, que aprofundar neste estudo, mas analisar as metáforas em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nos permite compreender como a linguagem machadiana subverte expectativas e transforma a obra em um marco inovador da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Conceptualizações da ação sexual na Idade Média: revelações das cantigas de escárnio e maldizer. In: RODRÍGUEZ, David; LOPES, Mailson (org.). *Galícia doutro lado do Atlântico: estudos galegos na Bahia*. Salvador: Ponte Atlântica, 2018. p. 61-86.

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. O ser humano é um animal? E o que mais? Metáforas na Idade Média. XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014), João Pessoa - Paraíba, Brasil, p. 4595-4606. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0668-1.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ALMEIDA, A. D. Oh, oh, o gigante acordou! Brasil, junho de 2013: conceptualizações e metáforas das manifestações. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 38(2), 139-152. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v38i2.25277>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ASSIS, M. d. (1998). *Memórias póstumas de Brás Cubas* (5. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora FTD S.A

DE CERVANTES, B. V. M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. [S.l.]: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/memorias-postumas-de-bras-cubas--0/html/>. Acesso em: 18 maio 2025.

FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. A Semântica Cognitiva Prototípica de George Lakoff. *Letras De Hoje*, 27(3), 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16070>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

FIGUEIREDO, Roseana Nunes Baracat de Souza. A crítica social em Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 183-186, 1º sem. 2000. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6165982.pdf>. Acesso em: 18 maio 2025.

INFANTIS, B. P. S. *Memórias Póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis*. Disponível em: https://fliphtml5.com/uwvpx/uhjc/Mem%C3%B3rias_P%C3%B3stumas_de_Br%C3%A1s_Cubas_-_Machado_de_Assis/. Acesso em: 1 maio 2025.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução: Mara Sofia Zanotto. Campinas, Mercado das Letras: Educ. São Paulo, 2002 [1980].

LEAL, Luciana Brandão; ABREU, Alexandre Veloso. O legado de Brás Cubas: o príncipe melancólico. *Machado Assis Linha*, São Paulo, v. 12, n. 26, p. 161-180, Apr. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mael/a/ty8fNZCGsqKKPYnD6jGCNbk/?lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2019.

LENZ, P. Semântica cognitiva. In: FERRAREZI JR., C.; BASSO, R. (org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS... Análise da obra de Machado de Assis. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/memorias-postumas-de-bras-cubas-analise-da-obra-de-machado-de-assis/>. Acesso em: 1 maio 2025.

MICHELLE, P.; COMPLETO, V. M. P. *Aulas de Língua Portuguesa e Literatura*. Disponível em: <https://aulasdelinguaportuguesaeliteratura.blogspot.com/2009/04/memorias-postumas-de-bras-cubas-machado.html>. Acesso em: 1 maio 2025.

MOREIRA, Cristiane Fernandes. As metáforas da maré: um estudo das metáforas conceituais nas unidades terminológicas da pesca em Baiacu/Vera Cruz/Bahia. 2015. 422 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4643/1/igordeoliveiracosta.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

NORDQUIST, Richard. Como a linguagem figurativa é usada no dia a dia: glossário de termos gramaticais e retóricos. *ThoughtCo*, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/figurative-language-term-1690856>. Acesso em: 18 maio 2025.

NORDQUIST, Richard. Understanding conceptual metaphors: Compreendendo metáforas conceituais – Glossário de termos gramaticais e retóricos. *ThoughtCo*, 27 set. 2019. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/what-is-conceptual-metaphor-1689899>. Acesso em: 18 maio 2025.

NORDQUIST, Richard. Veículo (metáforas): glossário de termos gramaticais e retóricos. *ThoughtCo*, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/vehicle-metaphors-1692578>. Acesso em: 18 maio 2025.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do AMOR em cartas dos séculos XIX e XX. 2019. 217 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SIQUEIRA, M.; PEREIRA, L. B.; FERRARI, C. G.; LOPES, N. Mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios do português brasileiro. *ReVEL*, vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/files/3cd6f1594c564f8a72950c7b79a87996.pdf>. Acesso em: 14 maio 2025.

SILVA, Daianna Quelle da Silva Santos. Dois documentos, duas histórias e a mesma dor: edição filológica e estudo cognitivo do estupro e do corpo feminino violentado em dois crimes de estupro (1936 e 1941-1942). 2023. 214 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023. Disponível em: <http://200.128.81.65:8080/bitstream/tede/1551/2/Tese%20-%20Daianna%20Quelle%20da%20Silva%20Santos%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 18 maio 2025.

STREY, Cláudia; COSTA, Jorge Campos da. Metáfora e cognição: uma conversa entre Lakoff e Sperber & Wilson. Faculdade de Letras, PUCRS, 2010. Disponível em: https://editora.pucrs.br/anais/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Letras/83110-CLAUDIA_STREY.pdf. Acesso em: 27 fev. 2025.

A metáfora conceitual: uma visão cognitivista. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-04.html>. Acesso em: 1 maio 2025.